



A origem e evolução das palmeiras amazônicas: uma análise antropológica comparativa entre as perspectivas indígenas e a botânica científica.

Eloísa Santos do Nascimento
Universidade Federal do Amazonas
eloisa.nascimento@ufam.edu.br

Thiago Mota Cardoso
Universidade Federal do Amazonas
thiagocardoso@ufam.edu.br

RESUMO

O presente projeto disserta a respeito da família de palmeiras amazônicas, em especial a pupunha e o tucumã, e as concepções sobre suas especiações e transformações nas teorias indígenas e da botânica. As palmeiras, além de serem amplamente difundidas no mercado regional e até internacional, são bem conhecidas pelo público geral, e também, são parte da vida social e cosmológica de diversos povos indígenas na região Amazônica. Diante disso, trabalha-se a partir da análise comparativa entre narrativas míticas, entendidas como teorias de mundo, e destas, simetricamente, no sentido latouriano, com as teorias biológicas; qual a origem da espécie, e como o evento de transformação e especiação (diferenciação) sucedeu; as diferentes concepções e formas de relatos sobre o princípio das palmeiras entre os povos indígenas; os diálogos e contrastes dessas narrativas com a visão científica biológica, tendo como referencial a teoria evolucionista; e por fim, quais as contribuições específicas e gerais das narrativas indígenas.

Palavras-Chave: palmeiras; narrativas; origem; evolução.



1. INTRODUÇÃO

Há uma considerável discussão acerca das diferenças e semelhanças entre saberes tradicionais e científicos, especialmente os relacionados às respectivas origens e classificações biológicas (Cunha et al., 2021), onde há o contraste da visão cosmocêntrica ameríndia com a visão antropocêntrica da ciência européia ocidental, repleto de diferenças intrínsecas incomensuráveis, muito além de seus respectivos resultados (Cunha, 2007; Sanches, 2010).

Estes princípios procedem de narrativas míticas e históricas que regem as concepções indígenas, assim como também transmitem seus saberes, retratando as relações ecológicas, origem, transformações e características da fauna e da flora locais, e dessa maneira, fomenta uma memória coletiva, que é revivida e repassado ao longo das gerações (Cunha et al., 2021).

Nessas narrativas, plantas e frutos são tidos como agenciais, com poder de efeito sobre a vida, sendo evocadas, seja para o bem ou para o mal, a partir de suas qualidades ditas "sensíveis" (Lévi-Strauss, 2004). Com base nisso, o presente projeto trata a respeito do grupo de palmeiras amazônicas, em especial a pupunha e o tucumã, e as concepções sobre suas especiações e transformações nas teorias indígenas e na visão científica biológica, os diálogos e contrastes destas narrativas, e por fim, quais as contribuições específicas e gerais das narrativas indígenas.

2. OBJETIVO GERAL

Compreender a perspectiva indígena sobre a origem e evolução das palmeiras amazônicas e abordar, comparativamente e simetricamente, as teorias indígenas com as teorias contemporâneas da biologia evolutiva.

3. METODOLOGIA

Para o presente projeto, foram realizadas as etapas de coleta, organização e leitura dos materiais bibliográficos da literatura antropológica e biológica sobre palmeiras amazônicas, juntamente com a sondagem da diversidade de narrativas indígenas presentes em etnografias e livros de narradores indígenas, obtendo-se o material básico para o trabalho das perspectivas comparativas. A partir disso, realizou-se a leitura analítica e comparativa das narrativas, estabelecendo as nuances tanto entre as próprias perspectivas indígenas e seus significados, quanto destas com as narrativas científicas. Dessa forma, traçou-se os paralelos, pontuando as principais divergências e similaridades entre as narrativas, considerando seus significados, princípios e sistematização, para, a partir disso, desenvolver a presente discussão.

4. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro elemento a se analisar, e talvez o mais fundamental para a compreensão dos dois mundos, é o sentido evolutivo, de origem, transformações e especiação, que cada narrativa apresenta. Enquanto na narração indígena, em seu plano geral, a sucessão das origens segue uma ordem do humano (ou partes do humano, seus objetos, suas substâncias, seus comportamentos) para o vegetal, a científica discorre o processo evolutivo do vegetal ao humano (Lévi-Strauss, 1989; Jablonka, 2010).

Tendo em vista os distintos sentidos evolutivos, seguimos para suas respectivas formas e tipos de transformações. Neste ponto, temos um contraste entre transformações lineares, por vezes instantâneas, e transformações indiretas e gradativas. Por um lado, as narrativas indígenas trazem transformações diretas da forma humana para a vegetal ou animal, de caráter metamorfoso, em que um mesmo organismo transita para outra forma de existência (Kehíri; Pärökumu, 1995). Por outro lado, a versão biológica traz a noção de transformação como "adaptação", consequente ao



processo de seleção natural, compreendida por uma série de mudanças (moleculares, morfológicas, fisiológicas e até comportamentais) gradativas através de várias linhagens descendentes (Freeman; Herron, 2009).

Outro ponto a se relacionar são os motores das transformações. Nas narrativas indígenas analisadas, as espécies não passam pelo processo de transformação direta de humanos, mas originam-se e espalham-se em consequência de ações humanas (Kehíri; Pärökumu, 1995; Barreto, 2018). Já nas narrativas biológicas, apesar das imprecisões nas narrativas estudadas, compreende-se todo o processo à luz da seleção natural, logo, o motor principal de toda e qualquer transformação nesta perspectiva é o ambiente que age como um seletor, induzindo as transformações e direcionando todo o sentido da evolução (Jablonka, 2010; Freeman; Herron, 2009). Contudo, também constata-se um grande ponto de encontro entre os saberes indígenas e científicos no evento de especiação da pupunha, descrito em ambas narrativas, com suas perspectivas acerca do processo de domesticação da espécie por povos nativos.

Tendo isso em vista, têm-se as condições para a constituição da relação e diálogo equitativo entre os saberes, de maneira cruzada, podendo apontar para um diálogo em outro nível entre as teorias antropológicas de ambos os conhecimentos (Santos; Dias Junior, 2009; Latour, 1994).

5. CONCLUSÕES.

Diante da pesquisa desenvolvida e suas reflexões, compreende-se que, assim como a ciência ocidental, os conhecimentos tradicionais, a partir de suas cosmologias, oralidades e perspectivas, também direcionam à descobertas, relações e produções notáveis. E a proposta de dispor destes conhecimentos paralelamente, muito além do proveito acadêmico, também contribui em diversos contextos sociais.

Em suma, essa aproximação e interação entre os campos da biologia e da antropologia, assim como da ciência com o conhecimento tradicional, vão além de paradigmas que se opõem e confrontam-se, podendo fomentar a produção de novos conhecimentos, ressaltando, igualmente, as contribuições das respectivas áreas.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, João Paulo *et al.* **Omerô: constituição e circulação de conhecimentos yepamahsã (Tukano)**. Manaus: Núcleo de Estudos da Amazônia Indígena (NEAI)/Universidade Federal do Amazonas/EDUA. 2018.
- CLEMENT, Charles R. Domesticação da palmeira de Pupunha (*Bactris gasipaes*): Passado e Presente na palmeira - Árvore da Vida: Biologia, Utilização e Conservação. Jardim Botânico de Nova Iorque. Michael J. Balick. **Avanços em Botânica Econômica** v. 6 p. 155-174, 1988.
- CLEMENT, Charles R. Melhoramento de espécies nativas. In: NASS, L. L.; VALOIS, A. C. C.; VALADARES-INGLIS, M. C. (Ed.). **Recursos Genéticos & Melhoramento – Plantas**. Rondonópolis, MT: Fundação MT, 2001. p. 423-441.
- CUNHA, Manuela Carneiro da *et al.* (org.). **Povos Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**: contribuições dos povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais para a biodiversidade, políticas e ameaças. São Paulo: SBPC, 2021. 278 p.
- CUNHA, Manuela Carneiro da. Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico. **Revista USP**, São Paulo, n. 75, p. 76-84, 2007.
- DOS SANTOS, Gilton Mendes; DIAS JR, Carlos Machado. Ciência da floresta: por uma antropologia no plural, simétrica e cruzada. **Revista de Antropologia**, p. 137-160, 2009.
- FREEMAN, Scott; HERRON, Jon C.. **Análise Evolutiva**. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. 835p.
- JABLONKA, Eva e Marion J. Lamb. **Evolution in four dimensions – Genetic, epigenetic, behavioral, and symbolic variation in the history of life**, MIT: 2005. Evolução em Quatro Dimensões – DNA, comportamento e a história da vida. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- KEHÍRI, Törämu; PÄRÖKUMU, Umusi. **Antes o mundo não existia**: mitologia dos antigos Desana-Kehíripörã. 2. ed. São João Batista do Rio Tiquié; São Gabriel da Cachoeira: UNIRT/FOIRN, 1995. (Narradores Indígenas do Rio Negro, v. 1).



- LATOUR, Bruno. 1994. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. (trad. Carlos Irineu da Costa) Rio de Janeiro: Ed.34. [1991].
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A oleira ciumenta**. Edições 70, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Mitológicas I - O cru e o cozido**, tr. Beatriz Perrone-. Moisés, R.J.: Cosac e Naify, 2004, 446 pp.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem**. Papirus Editora, 1989.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. O uso das plantas silvestres da América do Sul tropical. **Suma etnológica brasileira**, v. 1, p. 91-94, 1987.
- OLIVEIRA, Natália Padilha de. **DIVERSIDADE GENÉTICA E CITOGENÉTICA EM *Astrocaryum* SPP. (ARECACEAE)**. 2016. 106 f. Tese (Doutorado) - Curso de Pós-Graduação em Genética e Melhoramento de Plantas, Universidade Federal de Lavras, Lavras, 2016.
- PEREIRA, Comunidade Indígena Tabocal dos (org.). **Histórias, mitos e lendas do povo Baré**. Belo Horizonte: Fale/Ufmg, 2007. 34 p.
- SANCHES, Silvana Colombelli Parra. A contemporaneidade da obra “Mitológicas” de Lévi-Strauss. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, Florianópolis, v. 11, n. 99, p. 2-21, dez. 2010.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio**. Mana, [S.L.], v. 2, n. 2, p. 115- 144, out. 1996.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. 2002. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In: **A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify, p.347-99.
- WATAGHIN, Lucia. Um mito tupi traduzido por Giuseppe Ungaretti: Mai Pituna Oiuquau ãna ("Como a noite apareceu"), **Revista USP**, vol. 37, mar-maio 1998, pp. 168-173, São Paulo.

AGRADECIMENTOS

Meus singelos agradecimentos ao CNPq, por viabilizar pesquisas como esta tão necessárias à sociedade. À grandiosa UFAM, por fomentar e possibilitar o nascimento de tantos pesquisadores, das cidades às comunidades ribeirinhas, periféricas e marginalizadas do Estado. Ao grupo de pesquisa COLAR, por proporcionar a troca de tantos conhecimentos assim como a construção de outros novos. Ao meu querido e paciente orientador Thiago Mota Cardoso, que acreditou em meu potencial e em minhas ideias desde o princípio, colaborando não só na orientação da pesquisa, mas também na construção do meu caráter como pesquisadora, sendo um exemplo de humanidade dentro do espaço acadêmico. À minha extraordinária amiga e companheira de pesquisa Gabrielle Silva, que tantas vezes me deu suporte diante das dificuldades acadêmicas, e, junto a mim, perseverou e produziu uma pesquisa singular e admirável. Ao meu amado esposo Gabriel Melo, que em todos os momentos me ampara, dá forças e incentivo para continuar, com o qual espero, um dia, poder contar os lindos saberes e histórias da nossa terra aos nossos filhos, assim como fizeram nossos avós.